

A ação insistente da criação para perpetuar a vida

Sempre que nós contemplamos a criação de Deus somos levados ao louvor tal como o salmista: “*Ó Senhor, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome*” (Sl 8,1). Isto porque além da beleza, perfeição e singularidade do gesto criador de Deus, notamos que há um sentido muito evidente em toda a criação, que é o fato dela possuir uma ação insistente pela perpetuação da vida.

O grande nexos da criação de Deus é a vida, e por isso ela sempre redundando em mais vida e não na morte. A criação é orientada, portanto, pela lógica da ressurreição, da continuidade do belo, do perfeito e do harmonioso gesto do Deus Criador.

Esta lógica da ressurreição está presente, por exemplo, no ciclo da água. Este ciclo possibilita a renovação de toda a água no planeta, é importante lembrar que a Terra não só tem a mesma quantidade de água a bilhões de anos como é também a mesma água. Água esta que se renova constantemente, mas que hoje a capacidade humana de poluir tem sido maior que a capacidade de renovação-ressurreição, e assim pela forma como constituímos nossa sociedade temos colocado em risco a vida no planeta.

Outro exemplo desta insistência da natureza pela vida são as flores das árvores plantadas às margens de grandes avenidas, por onde passam centenas de automóveis por minuto lançando gases poluentes na atmosfera. Hoje sabemos que estas árvores, submetidas ao estresse causado pela poluição do ar, sentem sua existência ameaçada e por isso florescem com maior intensidade durante o ano todo buscando insistentemente a perpetuação da vida, as flores destas árvores se mostram como um gesto de protesto contra a poluição e um manifesto pela vida. Deste modo diante de um sistema perverso que gera destruição, há um gemido da criação que confronta este modo destrutivo e persiste na vida. É a natureza nos ensinando com sua ação de resistência e resiliência.

Assim, compreendemos que na natureza tudo é sistêmico, ou seja, a dinâmica da natureza se move de forma integrada e sempre na direção da renovação-ressurreição, é o sistema-vida e o sistema-terra que atuam em oposição ao sistema econômico que é obra humana e que, ainda que humanamente limitado, ameaça a vida e a natureza. Há, portanto, fenômenos que são reações da natureza à ação humana, como as chuvas ácidas, o efeito estufa e o aquecimento global, e outros que são independentes da ação antrópica (humana), como os terremotos e erupções vulcânicas.

Os terremotos e vulcões são fenômenos da natureza e estão dentro da dinâmica própria da perpetuação da vida no planeta terra, fazem parte do sistema-vida e sistema-terra. Por estranho que possa parecer à primeira vista são parte do sistema que possibilita a vida no Planeta Terra.

Sabemos que o Planeta Terra possui fundamentalmente três camadas (crosta, manto e núcleo) que se subdividem e outras. Estas camadas estão em constante relação sistêmica. De certo modo podemos entender a Terra como um organismo vivo em constante movimento na direção da manutenção e geração da vida na crosta terrestre.

É na crosta terrestre que a vida se desenvolve, contudo a reprodução da vida na crosta depende, por exemplo, da fertilidade do solo, que por sua vez depende da renovação dos elementos minerais que garantem esta fertilidade, isto virá, por exemplo, das erupções vulcânicas que trazem do interior da Terra estes elementos que fertilizam o solo. É por este motivo que regiões vulcânicas são normalmente densamente povoadas, por possuírem um solo ainda mais rico em minerais.

Sem estes movimentos, dos quais os terremotos são parte e os tsunamis conseqüências, a vida na crosta seria impossível. Os vulcões e terremotos, podem ser compreendidos como imensas forças criadoras e renovadoras, esta tem sido a dinâmica do planeta nestes mais de 5 bilhões de anos.

O último terremoto ocorrido no Japão nos choca e nos entristece, pelas perdas humanas e materiais, contudo não podemos atribuir culpas, por se tratar de um fenômeno da natureza, cuja dinâmica sempre aponta para a vida. Podemos atribuir responsabilidades aos seres humanos, pela falta de planejamento (como nas inundações e desbarrancamentos no Brasil), pelo descuido com as questões urbanas e mesmo arquitetônicas e, mesmo assim, compreender a relativa imprevisibilidade dos fenômenos da natureza. A excessiva concentração populacional e a opção pela energia nuclear em detrimento de fontes limpas de energia são exemplos de um planejamento que privilegia o lucro e não a vida e a natureza.

Deste modo, as conseqüências como o vazamento de material radioativo, após o terremoto e tsunami no Japão, são de responsabilidade humana e precisam ser apuradas e a vida humana defendida a todo custo, pois esta é a vontade de Deus.

Será por isso que o salmista diante da força da criação de Deus perguntou: *o que é o ser humano para que Deus se lembre dele, e o filho do homem para que o visite?*, e ele compreendeu que o ser humano é convidado a ser parceiro de Deus no ato criador e co-autor da criação, expressando em seus atos a presença da graça criadora de Deus, e deste modo poder expressar: *Ó Senhor, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome.*

Rev. Oswaldo de Oliveira Santos Junior

Pastor da Igreja Metodista do Jabaquara / SP e Professor da Faculdade de Humanidades e Direito (FAHUD) e pesquisador do Núcleo de Educação em Direitos Humanos (NEDH) na UMESSP.